

A LUZ DO CAIXEIRO

REVISTA MENSAL DE CAIXEIROS, DOUTRINARIA, LITTERARIA E DE CRITICA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo da Granja, 5

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Francisco Guimarães

Collaboradores: — Alberto Guimarães, Alexandre Teixeira Pinto, Lucio Pinto, Armando Almendra, Francisco Costa, Francisco Guimarães, Jacques Nunes, Maria Prado, Raul Guimarães, Arnaldo Guimarães e outros.

Composto e impresso na Typ. Minerva de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão—FAMALICÃO

SUMMARY: — Chronica, *F. G.* — Excerto, *João Chagas*. — Soneto, *Anthero de Quental*. — Do livro «O Manual Politico», *Trindade Coelho*. — Sonho desfeito, *Gonçalves Dias*. — A excursão da Povoa de Varzim. — Jornacs. — Em germen, *Almendra*.

Chronica

«Commercio do Lima» insere, no seu n.º 33º de 4 de abril findo, um artigo com o titulo «Está enferma».

Entre varias considerações a que allude esse artigo uma ha que diz respeito á classe dos caixeiros, a qual provocou os nossos reparos. Sem querermos negar o direito de critica ou apreciação aos nossos actos, nós, caixeiros, temos tambem a liberdade incontestavel de impugnar essas apreciações, quando infundadas ou mesmo originadas no antigo e censuravel systema de bater nos fracos por não haver energia moral sufficiente para bater nos fortes.

No artigo citado o auctor principia por umas breves allusões referentes ás creadas de servir; e diz depois, laconicamente, com toda a auctoridade de quem nunca proferiu senão palavras candidas e sem *espírito insultuoso*: «Os caixeiros saem de dentro do balcão para virem á porta dos estabelecimentos dizer em voz alta uma *chalaça* a uma rapariga que passa, *chalaça* que não é mais que um insulto á moralidade publica previsto e punido pelo Codigo Penal».

O auctor do artigo «Está enferma» principiou a sua analyse á enfermidade social precisamente na parte onde devia acabar.

Desde remotos tempos se manifesta nas mais altas camadas da sociedade uma desorganização extrema, que chega aos ultimos limites da preversidade e da mais desenfreada e vil desmoralização de costumes. Desde o clero aos titulares, herdeiros de pergaminhos onde dizem haver apenas documentos descriptivos de factos nobres e honrosos, até ás classes mais infimas que povoam o nosso planeta. O auctor do artigo citado não desconhece isso; mas para verberar e condemnar o procedimento dos vadios aggressores, protegidos certamente por politicos desconhecedores das verdadeiras obrigações civicas que toda a pessoa tem dever de adoptar e respeitar, critica as acções dos fracos, não as fundamentando, mas unicamente aproveitando-as com base a censuras indirectas. Nós não conhecemos os caixeiros de Ponte do Lima; mas estamos convencidos de que se o seu procedimento fôsse tão anormal que merecesse justamente a attenção da imprensa, os commerciantes d'aquella linda villa, seus patrões, teriam dispensado os serviços de quem tão immoralmente se conduzia, de quem tão incorrectamente se portava. Não succedeu, porém, assim; e, portanto, o auctor do escripto «Está enferma» devia procurar attingir, com as suas criticas, a parte onde o mal tem a sua origem, a seiva que alimenta o cancro da desmoralização.

Ninguém pediu o nosso auxilio para defender e desagravar os caixeiros de Ponte do Lima. Ha, todavia, casos em que é desnecessario solicitar o nosso limitadissimo favor: esse auxilio torna-se tão evidentemente preciso que nós temos obrigação absoluta de o offerecer incondicionalmente, sem consultar os collegas offendidos. Criticas sem base não merecem consideração, pois o bom senso das pessoas que d'ellas tem conhecimento se encarrega de as re-

pellir e aniquilar. E' bom, porém, deixar aqui consignado o nosso protesto contra o proceder, leviano e sem nenhum criterio, perfilhado por diversos jornalistas, de tudo apreciarem e maldizerem, confiados na impunidade e na certeza de que a fraqueza dos offendidos não tem virilidade para protestar. Não faltarão pretextos e causas ao auctor do artigo em questão para iniciar uma campanha contra o desolador estado actual da sociedade.

Seria até com jubilo e satisfação que daríamos o nosso applauso intimo a esse proceder. O que nós não podemos admittir são accusações injustas e que em nada contribuem para aperfeiçoar o cahotico e confuso estado do nosso povo—desde o clero e nobreza até ás classes mais modestas.

* * *

Os nossos presados collegas do Sul insurgem-se contra a ideia de ser decretada dictatorialmente a lei sobre o descanso semanal. Analysando a frio, muito serenamente, a attitudo d'aquelles nossos collegas, nós tememos expandir uma opinião.

A questão apresenta varios aspectos: a dictadura é a infracção do systema constitucional do nosso paiz; a lei, posta em execução por consentimento parlamentar ou por decreto dictatorial, só com o governo actual, dentro do regimen monarchico, parece, será estabelecida; manifestar o pensamento de desejar a decretação da lei em dictadura, é provocar uma tempestade de improperios e de phrases asperas sobre quem tal fizer. N'estas circumstancias, entre este dilema, a nossa opinião, a nossa attitudo, que não póde ser neutra, ha-de originar celeuma.

Nós não abdicamos da nossa opinião politica ao formular a concepção que fica exposta no presente artigo. Nós entendemos que sem sermos franquistas, progressistas ou republicanos, podemos, comtudo, dar a qualquer d'esses partidos o apoio do nosso modestissimo pensar a favor d'esta ou aquella medida.

Isso não representa uma incoherencia, nem falta de respeito aos nossos principios politicos. Diz-se que não devemos approvar, com o nosso applauso, a execução da promessa do governo de pôr em vigor, sem a sanção parlamentar, a lei do descanso semanal.

Admitta-se que o governo vae realmente administrar e promulgar leis em dictadura. O que lucra o paiz, o que ganha a classe dos caixeiros levando a sua abnegação, o respeito pela Constituição, até ao ponto de rejeitar uma medida que todos nós reconhecemos ser necessaria, util e amplamente humanitaria? Pois se a dictadura existe, se o nosso sacrificio em nada altera os seus bons ou maus effeitos qual a razão porque

recusamos um beneficio que ella nos traz? Não commentamos, visto isso estar fóra do nosso programma, o procedimento do governo. Prejudicial ou benefico, as suas consequencias serão sempre as mesmas, quer seja ou não decretada a lei do descanso semanal.

Parece-nos, pois, inoportuna e sem razão a intervenção, em um assumpto tão grave, de varias entidades, visto da sua intercessão apenas resultar a necessidade de regressarmos ao antigo caminho: implorar lamuriosamente misericordia, como adeptos de uma causa sem justiça, solicitar, com toda a humildade, a benevolencia de um cacique rude e sem sentimentos, continuar, enfim, como até hoje, gosando alguma liberdade por consentimento forçado dos patrões.

F. G.

Excerpto

N'isto, appareceu imprevistamente no estrado, um homem baixo, ruivo, a tez gretada, como se se tivesse caracterisado, e podendo ser ao mesmo tempo um operario ou um piloto—d'esses pilotos da Rochella que andam em busca de barcos a pilotar, nas vagas agitadas do mar Biscaya.

Começou a fallar sem successo, no meio de um borborinho que mal permitia ouvil-o, mas pouco a pouco, foi-se fazendo um silencio que até então não deixára de ser interrompido; e, nitidamente, como se na sala todos houvessem adormecido, a sua voz aspera vibrou.

O que dizia elle?

O que dizia esse homem ruivo, que ninguem parecia conhecer, que não tinha nome ou gloria e que, no entanto, avassalava com a sua voz aquella multidão inquieta e rebelde!

Esse homem ruivo era um mineiro, um ignorado mineiro do Bovinage e vinha alli, singelamente, sem artificios e sem phrases, não parecendo pela sua linguagem reivindicar coisa alguma, contar o que era a vida, na mina.

Elle não protestava, porque não queira, ou provavelmente porque não sabia.

Queixava-se, e era a sua queixa dolente, quasi monotona, que prendia a attenção, que commovia até ao silencio toda aquella gente.

—Aqui tens tu um typo interessante! disse Paulo Luiz baixinho a João Maria.

João Maria não tirava os olhos do homem e todo elle era ouvidos.

O homem contava agora as descidas á mina, por grupos de dez, á meia noite, á luz das lampadas fincadas no solo lamacento e preto.

Não eram trabalhadores. Eram condemnados.

A descida pelo poço operava-se em silencio. Nenhum dizia palavra. Iam agglomerados, como gado na canastra e á medida que desciam afigurava-se-lhes que se desprendiam, porque muitas vezes não voltavam cá cima com vida.

Lá em baixo, sempre em silencio, a lampada presa ao corpo, encaminhavam-se como soldados de companhias disciplinadas pelas galerias.

E elle contava o que eram essas galerias, negras, sombrias, tortuosas, cruzando-se, embrincando-se como os meandros de um habitaculo infernal.

N'algumas andava de pé.

N'outras porém, era necessario caminhar curvado e ao cabo de algum tempo tinha-se a nuca dolorida e a espinha como que quebrada.

Em certas galerias era peor e caminhava-se de rastos, sentindo a terra fria nas faces e nos cabellos o gotejar da humidade.

Durante o trabalho rompiam-se veias d'agua que inundavam tudo e umas vezes fugia-se abandonando picaretas e pás. Outras, porém, não havia tempo, e então era necessario esperar, esperar longos minutos com agua pelos joelhos, pela cintura, até que occorressem ao toque da busina de alarme.

Quando se voltava acima, não se tinha aspecto humano, e então era a miseria da casa, mal mantida, porque em geral as familias tornavam-se numerosas e nem todos podiam trabalhar.

E desgraças!

Todos tinham ouvido fallar nas tão frequentes explosões de grisú e nos desabamentos que ás vezes sepultavam dezenas d'homens, mas o que poucos conheciam era o infortunio das mulheres e das crianças e porque fórma dolorosa elle se manifestava!

Quando corria a noticia de que houvera desastre na mina, a beira dos poços enchia-se de povo, e era uma dôr d'alma ouvir-o.

As mulheres appellavam para o ceu, blasphemavam, amaldiçoavam. As crianças deitavam-se de rojos, na terra, humedecendo-a com as suas lagrimas. Só os homens, no meio de tanta dôr, tinham ainda coragem para obedecer, manobrar.

Quando chegavam as canastras com os primeiros corpos, a que o fogo queimara as roupas, levava a pelle, não havia coração, por mais duró, que não se enternecesse.

Elle viera um dia n'uma d'essas canastradas e do seu desastre ficára-lhe aquelle estyigma eterno—a sua pelle ás costuras, como se o tivessem banhado em agua a ferver.

Durante muito tempo suppoz que perderia a vista.

Felizmente, Deus conservara-lh'a, para elle continuar a ver as desgraças d'este mundo.

Tudo isto era dito com uma singeleza que commovia.

A multidão não ousava interrompê-lo.

Dir-se-hia que, havendo descido com elle á mina, trouxera de lá o pavor e a fadiga.

João Maria tinha os olhos rasos d'agua.

Mas, o que pretendia aquelle mineiro ruivo, queimado pelo grisú?

Justiça?

Vingança?

Reparação?

Não!

Simplesmente isto: piedadel

E era o que elle vinha pedir ao poder, á tyramnia, ao solo: piedadel

João Maria estava abalado até ao mais intimo do seu ser.

Sentia-se opprimido e fazia esforços para que as lagrimas não lhe saltassem em borbotões pelos olhos.

Aquelle homem tão humilde, tão resignado, curvando-se á dôr e ao soffrimento, á injustiça e á iniquidade como a irreparaveis coisas de cima, e pedindo apenas como uma esmola, para as mulheres e criancinhas, piedade, ao mesmo tempo que o sensibilisava como um espectáculo commovente, indignava-o como uma monstruosa infamia.

De todo o trabalho humano, o da mina apresentou-se aos seus olhos, referido por esse mineiro, como o mais rudemente penoso e sacrificador. Mas de toda a iniquidade humana, a que lança homens vivos ás entranhas da terra, para os restituir mortos á sua superficie, tendo-os passado pelas torturas pavorosas da agua e do fogo, afigurou-se-lhe a mais profundamente odiosa.

E em proveito de quem se sacrificavam esses desventurados?

Em proveito de uma classe.

A mina, que é a terra de todos, tornava-se a propriedade de alguns.

Os que tinham o privilegio da fortuna compravam a mina.

Eis como pela primeira vez se ergueu na sua frente, nitida, volumosa, colossal a iniquidade.

Depois toca a explorar a mina—a arrancar-lhe da entranha mysteriosa o ouro, a prata, o carvão.

Quem a explora?

O proprietario?

Não.

O Salariaado.

Busca-se para esse fim uma classe e escravisa-se.

Onde se encontra ella?

Em toda a parte.

Lança-se o homem á mina.

O trabalho penoso d'esse homem no fundo da terra e cá em cima, sob o céu azul, ao ar livre, fortuna, bem estar, conforto, felicidade.

Cada filão que elle explora, suando, a torso nu, os olhos injectados, a bocca cheia de terra, e cá em cima a rica e luxuosa vivenda, a casa de campo, o sumptuoso palacio, o fôfo leito, a mesa lauta, a linda mulher, a graciosa criança, lacaios, librés, consideração, prestigio, gloria.

A cada golpe que elle vibra com a ponta da sua picareta, lá muito em baixo, na noite eterna da galeria, corresponde cá em cima um capricho mais custoso, um beijo mais caro, uma festa mais brilhante.

Elle sobe, elle desce, levado á morte, trazido á vida, e sempre que elle sobe ou desce é sempre por amor d'outros—d'outros que não conhece, que não o conhecem e de cuja felicidade é, no entanto, o unico fautor.

Morre, succumbe, transforma-se n'essa massa informe, que os elevadores trazem á flôr dos poços nos dias tragicos de catastrophes, e essa coisa confusa e nauseabunda que é o seu miseravel corpo, significa ainda na distante cidade, onde o expoliador vive, o bem-estar, a felicidade, o conforto.

Elle vive em commum, n'um *cite* de taboas, alojado como um cigano, e mantem-se de sopas insubstanciosas servidas em tigelas de barro.

A sua mulher definha.

Os filhos são fracos.

Quanto ganha?

Aquillo de que precisa para não morrer de fome.

Não tem estimulo, não tem esperança.

O seu destino é servir, servir para alguma coisa a alguem.

Entretanto, o seu expoliador não conhece sequer o logar da sua condemnação, não sabe onde elle pena, onde elle soffre.

Reside longe e não tem por elle o menor interesse, nem mesmo o de que elle viva, porque, quando elle morrer, outro virá promptamente substituil-o.

Um cão estima-se.

Estima-se um cavallo.

Uma ave, cantando n'uma gaiola, esta coisa pequenina, insignificante, leve, inspira carinho affeição, sympathy, e quan-

do o cão morre, quando morre o cavallo, quando a ave deixa de cantar, alguem lhes deplora a falta.

O mineiro não faz falta.

Que morram dez, cem, mil n'uma hecatombe, o fruidor da mina não deixará de fruir-lhe os beneficios.

Que nome tem este ser feliz?

Este ser feliz chama-se no calão da iniquidade humana—accionista.

Uma sociedade pura chamar-lhe-hia mallefeitor.

O accionista é um ocioso.

Vive do trabalho alheio.

Comtudo, gosa da maior consideração.

Quanto maior é o numero de accões que possue, maior é a sua influencia e o seu prestigio.

Em geral não se occupa em trabalho algum que resulte em beneficio da comunidade.

Quando não gosa a vida bestialmente, como um animal de luxo, dá á sua ociosidade galantes apparencias de labor.

Levanta-se cedo, lê jornaes politicos e revistas financeiras, almoça ao meio dia e vae de carruagem para um escriptorio mobilado com luxo, dar-se a si e aos outros a impressão de que faz alguma coisa.

O escriptorio é uma farça.

O escriptorio é apenas a installação official da sua fortuna.

Entretanto, a cada hora ociosa da vida d'esse homem inutil corresponde uma hora afanosa na vida de milhares d'outros homens, iguaes a elle, structuralmente, iguaes, mas condemnados, pela injustiça das sociedades, a trabalharem para elle.

.....
JOÃO CHAGAS.

Soneto

Poz-te Deus sobre a fronte mão piedosa
O que fada o poeta e o soldado
Volveu a tí o olhar, de amor velado,
E disse-te: vae, filha, sê formosa!...

E tu descendo na onda harmoniosa,
Pousaste n'este solo angustiado,
Estrella envolta n'um clarão sagrado,
Do teu limpido olhar na luz radiosa...

Mas eu... posso eu acaso merecer-te?
Deu-te o Senhor, mulher! o que é vedado,
Anjo! deu-te o Senhor um mundo á parte.

E a mim, a quem deu olhos para ver-te,
Sem poder mais... a mim o que me ha dado?
Voz, que te cante, e uma alma para amar-te.

ANTHERO DE QUENTAL.

Do livro "O Manual Politico"

As ordens religiosas, em geral, não se acham sujeitas á jurisdicção parochial: constituem outros tantos *isentos*. «Os jesuitas (lê-se nas «Novidades», de Lisboa, de 20 de março de 1901, em carta assignada por *Um parcho*) compram n'uma terra uma capella e casa annexa ou um convento em ruinas. A principio, tornam-se submissos ao seu parcho; este chama-os para dizerem missa, acolytar e prégar na sua freguezia, por falta de clero secular. Mas os proprios bispos teem medo dos jesuitas, porque os intrigam com a curia romana, e além d'isso tornam-se os correspondentes dos bispos e denunciantes dos parchos.

Estes, quando o sabem, põem-nos fóra da sua igreja, se são collados, mas não os podem pôr fóra da freguezia; e se não são collados, teem de os aturar, aliás são elles que põem fóra o prior. Depois, os jesuitas afastam os fieis e os parochianos do seu legitimo parcho, tiram-lhes as intenções das missas, os sermões e até as proprias festas da parochia». Ficam sendo elles os parchos!

E a interessante carta diz mais: «O padre secular, para o ser, ha-de ter, além dos preparatorios, o curso theologico do seminario ou da Universidade; e além d'isso, ha-de todos os annos, se quizer exercer as suas funcções, tirar uma licença que vae acompanhada do attestado do parcho; e depois de passada tem este de lhe pôr o visto, sem o que não valerá. — O jesuita, esse diz missa, confessa, prega, etc., e não precisa nada d'isto, nem de certas licenças especiaes, que o parcho tem de tirar para determinados actos. O jesuita não precisa de nada d'aquillo: abre a porta da sua igreja ás 5 horas da manhã no inverno, e mais cedo no verão. Emfim, uma desordem: os jesuitas teem todas as regalias e o parcho secular nenhuma».

Confirmando tudo isto, e additando esclarecimentos novos, e muito interessantes principalmente sobre os *isentos* de Lisboa, dizia esse artigo de fundo das «Novidades» que «o jesuita, n'aquella carta, era tomado como personificação das differentes ordens; — o que notamos (acrescenta o jornal) tão

sómente para que, a coberto da roupeta dos jesuitas, não passem a coberto outros, que não são melhores do que elles, se não são piores». — E concluia com as seguintes palavras, que são evidentemente de Emygdio Navarro:

«Não pretendemos applicar ao nosso paiz o erro do *gallicanismo*; mas, sem nenhuma quebra da unidade da igreja, que é condição fundamental do catholicismo, entendemos que tambem se não deve permittir essa desnacionalisação *systematica* e abusiva na milicia da igreja lusitana. Unidade na fé religiosa, sim; mas com clero nacional e com leis portuguezas».

Clero nacional e leis portuguezas, é o que elles chamam o regalismo, incompativel, segundo elles, com a unidade na fé — e tido no seguinte conceito pelos jornaes catholicos e pelos prelados: «O regalismo por tal fórma se entranhou no espirito portuguez e nas leis, graças a esse maldito livreco de Bernardino Carneiro por onde hoje mesmo se está regendo a cadeira de Direito Ecclesiastico Portuguez na Universidade de Coimbra, que se perdeu inteiramente a noção de que a igreja, instituição divina, é uma sociedade perfeita dentro da sua orbita espiritual»: «Correio Nacional», de Lisboa, numero 3:548, de 19 de janeiro de 1905: «Mais parece estarmos n'uma igreja luza, do que n'uma igreja catholica», ibi, numero 3:614, de 10 de abril do mesmo anno. Não póde admittir-se a opinião erronea e falsa dos que sustentam que a igreja é uma parte integrante e dependente do Estado, ou uma igreja nacional; essas tão somente podem dizer-se as introduzidas pelo protestantismo, mas nunca a igreja catholica, que é uma sociedade universal»: extracto do discurso do Bispo do Algarve na camara dos pares, segundo o citado «Correio Nacional», numero 3:638, de 9 de maio de 1905.

...E todavia, não deixará de ser bem christã a velha igreja luzitana, que foi a igreja dos nossos antepassados até D. Afonso V, e, depois, com o Marquez de Pombal.

—Sómente essa igreja era mais portugueza do que romana; ao contrario do catholicismo actual: que lhe absorveu essas liberdades; que não reconhece, imbuído de jesuitismo, senão a auctoridade

do papa; e que ás leis do Estado chama «infamissimas leis regalistas»: (citado jornal, numero 3:638, de 9 de maio de 1905).

TRIDADE COELHO.

N. da R. — Muito perto da nossa villa, no logar das Necessidades, freguezia de Barqueiros, existe um amplo palacete, habitado por jesuitas nas condições acima citadas.

Sonho desfeito

ERAM onze horas quando a consoada terminou.

Emquanto na velha torre o sino não dizia a meia noite, começaram todos de reavivar a lembrança dos ausentes e d'aquelles que a morte tinha levado comsigo.

Juntos, á lareira, o Antonio e a Guida fallavam do seu amor, das suas alegrias e do seu primeiro encontro, na fonte...

Eu, sentado n'um banco, reavivava tambem uma noite de consoada de ha annos que nunca, nunca esquecerei...

Tinha sido convidado pelo nosso caseiro para ir até lá, á noite.

— Olhe, dizia-me o bom velho, deixe as tristezas, vá até lá e riremos um pouco e depois havemos de ir todos juntos, á missa do gallo.

— Pois sim, respondi, então, até logo.

— Olhe lá: não falte.

— Não falto.

A' hora aprazada, fui. A alegría andava em todos os corações, em todos os rostos. A lenha crepitava na lareira e a senhora Anninhas, ajudada pela filha mais velha, a Conceição, andava cuidando na ceia.

Sentia-me bem, no meio d'aquella boa gente. Havia dois annos que não tinha visto a Conceição, e ella, agora, apparecia-me allí toda linda e encantadora como uma pastorinha de Rodrigues Lobo.

A' meza, fiquei ao pé d'ella, e, quando eu lhe dirigia a palavra, ella ruborisava-se e umas alegrias ineffaveis pa-

reciam deslisar no fundo dos seus lindos olhos.

Quando deu a meia noite fomos todos á missa do gallo. A noite estava lindissima. Um luar meigo filigranava a aldeia e o céu estava todo constelado de estrellas...

— Olhe, disse-me a Conceição, vê aquellas trez estrellas, acolá? Pois são os tres reis do Oriente que vão em procura do menino Jesus...

— Olhe Conceiçãozinha, respondi eu, os meus olhos e a minha alma são tambem tres reis do Oriente que andam á procura do menino Jesus, que é o seu amor. Sem elle a vida para mim ha-de ser uma eterna Noite e nunca n'ella haverá luar como o d'hoje... Os meus olhos e a minha alma são tambem tres reis do Oriente...

Amavamo-nos. Todas as tardes nos encontravamos na grande alameda da quinta. De longe, ainda, ouvia a sua voz, mais crystallina que a da agua cahindo nas pedras da fonte...

A linda Conceição escolhia n'esses momentos as mais lindas cantigas que tenho ouvido, e todas ellas eram ingenuas orações que thurificavam o altar do nosso puro amor...

Outras vezes, encontrava-a no lava-doiro e, então, as nossas conversas deslisavam mansas como um manso e claro rio d'aguas. N'essas occasiões era poeta sem o querer: dizia-lhe toda a minha affeição por ella e, idyllicamente, desenhava-lhe o nosso futuro lar, longe do mundo, onde, egoistas do nosso amor, nos haviamos de amar muito. Haviamos de fazer dos nossos filhos, valentes cavalleiros, e, á lareira, quando o inverno passasse, havia de lhes dizer lindas historias que a minha Avósinha me contára em pequeno e muitas mais que depois aprendi nas *Vidas dos Santos*. Esses momentos passaram depressa como depressa passava a agua do ribeiro e o nosso amor crescia, augmentava, e as nossas Almas ja ninguem as desligaria...

A Primavera passava cheia de encantos, sempre novos para nós. Passaram

as desfolhadas e as romarias, e o outono chegou.

A Conceiçãozinha adoeceu. Terrível doença, essa. Dias terríveis, os que eu passava á sua cabeceira a pedir ao bom Deus, ao Deus clemente, saude para aquella linda môça...

A sua vida fugia pouco a pouco como as folhas d'um velho castanheiro que ficava fóra e que no verão engrinaldava a janellinha...

... e n'uma tarde, com o cair da ultima folha do castanheiro, a linda Conceição morreu.

Morreu, balbuciando o meu nome, dizendo-me adeus, adeus cheio de angustia, cheio de saudades pelo sonho que findava, adeus que me feriu a alma e despedaçou as illusões que fugiam chorando... soluçando.

Juntos, á lareira, o Antonio e a Guida continuavam a falar do seu amor, das suas alegrias e do seu primeiro encontro na fonte, enquanto o sino não nos chamava para a missa do gallo.

GONÇALVES DIAS.

A excursão da Povia de Varzim

REALISOU-SE no dia 5 de maio a annunciada excursão a esta villa, promovida pelo Club Naval Povoense. Entre as varias collectividades que constituíam a excursão veio a Associação de Classe dos Empregados no Commercio da Povia, representada dignamente por membros da direcção e alguns associados.

Recebidos carinhosamente pela gente da nossa terra, que lhes preparou uma verdadeira apothose de flôres, a excursão revestiu uma imponencia grandiosa e bella.

A chuva, que n'esse dia cahiu implacavel e persistente, apenas offuscou um

pouco o brilho da suprema manifestação com que foram mimoseados os distinctos excursionistas.

Pela tarde, ás tres horas e meia, realisaram-se os cumprimentos a todas as associações de Barcellos. Na Associação dos Empregados do Commercio local foram recebidos os excursionistas com toda a gentileza.

A direcção d'aquella collectividade offereceu á associação da Povia um lindo laço de sêda, tendo em uma das pontas, pintado com arte, o emblema do Commercio.

Em nome d'esta aggremação agradeceu a offerta o secretario da direcção, com palavras de penhorantes amabilidades.

Retribuiu tambem a offerta com uma lindissima palma, tendo nas fitas que a acompanhavam a dedicatória que recordará sempre tão inolvidavel dia.

Pelo sr. Joaquim Jose d'Araujo, illustre presidente da direcção da Associação dos Empregados do Commercio d'aqui, foi lida e entregue á nossa congengere da Povia a mensagem que publicamos.

Mensagem

Illustres Camaradas:

Saudam-vos, jubilosamente, todos os socios d'esta collectividade.

Vae n'esta saudação a mais generosa e leal sinceridade e o mais supremo e immaculado sentimento de fraternidade que os nossos corações podem encerrar. Sem grandeza e sumptuosidade, como mereceis, esta manifestação de sympathia que vos tributamos tem o inegualavel valor de ser expontanea e pura, só suggerida pelo mais nobre affecto que une todos os trabalhadores da época actual. Irmãos no trabalho, na crença, no infortunio; camaradas solidarios no immenso campo das Desditas; companheiros queridos na dolorosa labuta commercial: para vós que symbolisaes a intraduzivel e inenarravel existencia da Resignação, que annunciaes a vinda de gerações modeladas pelas mais augustas e luminosas fórmulas da Verdade e da Justiça—aqui fica manifestada toda a admi-

ração que vos consagram as nossas almas, toda a purissima estima que vos dedicam os nossos corações.

No periodo historico que atravessamos, e em que está prestes a realizar-se e adquirir-se uma das mais ambicionadas pretensões da classe—o encerramento semanal obrigatorio—, a vossa visita é mais uma expressão clara da indestructivel solidariedade que nos une a todos nós caixeiros, e da inconfundivel significação moral em que estão inspiradas todas as reivindicações pelas quaes anciamos ha longos trinta annos.

Registando a vossa illustre visita, a direcção da Associação dos Empregados no Commercio de Barcellos sauda, effusivamente, com cordealidade, todos os caixeiros da Povia de Varzim, e abraça fraternalmente os seus collegas, membros da direcção da collectividade, sua congenerere, da mesma hospitaleira e formosa villa.

Jornaes

O nosso illustre collega de Lisboa, «A Voz do Caixeiro» vae suspender temporariamente a sua publicação.

Lamentamos a resolução tomada pelos proprietarios do antigo semanario.

E', incontestavelmente, um dos jornaes que mais tem pugnado pelos interesses dos caixeiros e isso mais evidente tornará a falta que a sua suspensão origina.

—Na Associação dos Empregados no Commercio de Barcellos tem-se recebido o novo jornal, «O Caixeiro do Norte».

—A todos os nossos presados collegas que nos teem honrado com o favor da sua permuta, aqui expressamos a maxima gratidão que nos merecem. Igualmente agradecemos as referencias penhorantes com que registaram o apparecimento de «A Luz do Caixeiro».

Em germen

EM Chaves existe de ha muito o Club dos Empregados no Commercio. Este club é frequentado por os caixeiros que se prezam de ser cumpridores rectos da espinhosa missão social e que sentem palpitar no seu coração o amor e a lealdade para a defeza das regalias a que teem direito todos os que trabalham.

Ha muitos annos tentaram e obtiveram o encerramento convencional aos domingos de tarde. Este encerramento parece á primeira vista uma victoria de pouca importancia; pois será.

Eu, porém, que conheço de perto o grande movimento commercial d'aquella praça, reconheço que para obter a referida concessão foi indispensavel muita união, e denodo, para vencer as dificuldades que a causa exigia n'aquelle centro commercial.

Esta concessão tem sido e é conferida pontualmente, ainda mesmo em dias de mercado, quando acontece este effectuar-se ao domingo.

Os Empregados Commerciaes de Chaves, tendo em vista dar ao referido Club o maior desenvolvimento, tencionam promover uma *recita* em favor do cofre do club alludido.

Merecem os iniciadores e promotores da *recita* o auxilio de todos os collegas d'aquella villa e estou certo de que terão o applauso unanime do povo flaviense.

Ao felicitar os iniciadores de tão nobre alvitre, não posso deixar passar sem recordar aos meus antigos companheiros que, seja qual fôr o plano para desenvolver o club, seja qual fôr o conjuncto de ideias fecundas para pôr em prática, o mais viavel e admissivel será dissolver o club e fundar uma associação de classe constituida com os mesmos elementos do Club.

Este defenderá sempre os maiores obstaculos que possam surgir e lesar qualquer plano útil aos caixeiros flavienses, e prestará ás suas congeneres auxilio preciso para resolver a grande série de medidas uteis, que nós precisamos adoptar e que são tão indispensaveis como o descauso semanal obrigatorio.

Não sei bem se desejam fazer uma transformação de tão grande alcance; eu simplesmente peço que no acto de ser resolvida a escolha, não seja olvidada «a associação de classe», pois de sobra conhecem que o principal esteio d'uma classe assenta como base no meio collectivo.

ALMENDRA.
